

A construção simbólica do “populismo brizolista” operada pelo Jornal do Brasil¹

Roberto Bitencourt da Silva

Apresentação

Ambigüidade e controvérsia são características marcantes do populismo enquanto noção operacionalizada pelos círculos acadêmicos. Inversamente, há uma tendência significativa à homogeneização dessa noção no discurso produzido pela mídia. Tal homogeneização se dá em torno da idéia de *atraso*.

Levando em conta essa premissa, o artigo tem como propósito identificar algumas nuances do deslocamento realizado no uso da noção de populismo, do meio acadêmico para o jornalístico. Ocupamo-nos, pois, da análise da apropriação dessa noção pelo discurso do *Jornal do Brasil*, buscando identificar a representação simbólica construída no discurso deste jornal, no ano eleitoral de 1994, que marca, também, o último ano de Leonel Brizola no governo do Estado do Rio de Janeiro. Em âmbito nacional, o combate à inflação e as reformas pró-mercado consubstanciavam os principais temas da eleição presidencial. Quanto à sucessão para o governo fluminense, a redução dos índices de violência e do caos urbano conformava as questões priorizadas no debate político estadual. Com base nesse quadro histórico-político, visamos, essencialmente, identificar tanto a natureza da imputação do rótulo de populista a Leonel Brizola, como

alguns motivos políticos e ideológicos que possam ter contribuído para tal designação.

Dois modelos de interpretação sobre o populismo

A construção simbólica do populismo realizada pelo *JB*, ou por qualquer outra empresa e veículo de comunicação, não é obra, única e exclusiva, de uma simples invenção jornalística de significados. Partimos, pois, do pressuposto que as definições dadas por publicações científicas exercem substantiva influência na produção jornalística, conformando certos usos e aplicações interpretativas dirigidas a determinados fenômenos sociais e atores políticos. Dessa forma, vale assinalar algumas idéias e conteúdos argumentativos presentes em dois modelos de interpretação sobre o populismo que foram significativamente apropriados, majoritária e naturalmente sob uma forma fragmentada e residual, pelo discurso jornalístico do *Jornal do Brasil*, em 1994.

Modelo clássico - populismo e industrialização

Por *modelo clássico* designamos um certo conjunto de abordagens que integram os estudos pioneiros acerca do populismo na América Latina e no Brasil, em particular. Estes estudos foram realizados a partir de meados da década de cinquenta, pelos intelectuais argentinos Gino Germani e Torcuato Di Tella, tendo por centro a experiência peronista. Outra razão que nos leva a classificar estas formulações como *clássicas* é o fato de que muitas das idéias, definições e (pré)conceitos sobre o fenômeno, encontrados, freqüentemente, em trabalhos acadêmicos e no uso generalizado do senso comum, são extraídos, em grande parte de modo fragmentado, do grupo de interpretações e autores localizados nesse modelo interpretativo.

No Brasil, talvez seja legítimo inferir que os estudos desenvolvidos por Ianni (1975 e 1991) e Weffort (1989), a partir de meados da década de 1960 – relativamente influenciados pelo instrumental teórico produzido por Germani (1973) e Di Tella (1969) – representem, entre uma vastíssima literatura sobre o tema, aqueles que maior difusão atingiu no meio acadêmico e jornalístico brasileiro, assim como nas publicações de livros didáticos de História. Priorizamos, desse modo, suas reflexões acerca do fenômeno.

Para esses autores brasileiros, o fenômeno populista consistiu, no país, num sistema de dominação e sustentação política que perdurou durante os anos de 1930 a 1964. É considerado uma etapa no processo de transformação da sociedade brasileira, marcado pelo incremento da urbanização e da industrialização. A industrialização substitutiva de importações, orientada pelo Estado, o nacionalismo e a oposição ao imperialismo e à oligarquia seriam alguns dos traços mais expressivos do *populismo* e dos *populistas*.

Localizando, portanto, o populismo num contexto histórico-estrutural determinado, formação da sociedade urbano-industrial, Ianni aponta como um dos fatores explicativos da emergência desse fenômeno a “ausência de uma classe social suficientemente forte, politicamente organizada e com visão hegemônica de si para assumir e exercer o poder sozinha. Por isso a aliança se torna necessária” (Ianni, 1991: 160). O sistema populista consistiria, assim, numa coalizão policlassista, onde os interesses da burguesia prevalecem.

Um elemento muito recorrente nessas análises *clássicas* é a percepção de um suposto caráter imaturo e inconsciente do proletariado urbano. Essa peculiaridade seria um fundamento objetivo para entender o apoio popular às lideranças populistas. Conforme avaliação desse modelo interpretativo, o proletariado não possuía uma socialização adequada para a criação de organizações partidárias e sindicais autênticas, concretamente representativas de seus interesses. Estaria sujeito, pois, a uma relação personalista, irracional, demagógica e emocional junto às lideranças populistas/carismáticas. Seus órgãos de representação e organização primários, os sindicatos, encontrar-se-iam atrelados aos limites impostos pelo pacto populista, isto é, submetidos à tutela do Estado.

Em síntese, o *populismo* era apresentado – nas abordagens de Weffort e Ianni –, como um dos fatores que estavam na base da ruptura institucional ocorrida em 1964, oferecendo aos trabalhadores, com o seu *colapso*, o desnudamento da exploração capitalista e da natureza classista do Estado.

Paradigma econômico

Esta abordagem sobre o populismo toma corpo e ganha expressão acadêmica nos estertores dos anos oitenta, na chamada década perdida, primando pela análise de diferentes países da América Latina. Tem no economista Bresser Pereira um de seus principais teóricos.

Como o *populismo* é concebido como uma das causas principais à perpetuação da crise da dívida externa, da inflação galopante, da extrema desigualdade social e da instabilidade econômica – entre outros dilemas e entraves para o desenvolvimento econômico-social de nosso subcontinente –, o fio analítico que conduz esse marco interpretativo é a apresentação de razões e fatores econômicos, extraídos de diversas experiências latino-americanas classificadas como populistas, que demonstrem a inviabilidade estrutural desse tipo de estratégia política.

Adota-se, como definição dessa estratégia, a expressão *populismo econômico*. O que ela viria a significar? Segundo dois autores, pode ser entendida assim:

(...) uma abordagem à economia que enfatiza o crescimento e a redistribuição de renda e desconsidera os riscos de inflação e o financiamento inflacionário do déficit, as restrições externas e a reação dos agentes econômicos a políticas agressivas que não se valham dos mecanismos de mercado (Dornbusch e Edwards, 1991: 151).

De acordo com o *paradigma econômico*, o terreno fértil à ascensão do populismo é a existência de uma situação recessiva, onde parte da capacidade produtiva encontra-se ociosa e o desemprego elevado. Propõe-se, com efeito, a ser um programa que estimule o crescimento. Em geral, esta meta é perseguida através do estabelecimento de um pacto entre a burguesia e o proletariado urbanos. Possui como cerne o objetivo de reduzir as desigualdades e os conflitos sociais implementando a seguinte medida: elevação dos salários. Esta é considerada uma das características nucleares que atravessam todos os episódios populistas. Contudo, segundo o *paradigma econômico*, a despeito de suas boas intenções, o populismo representa uma política macroeconômica fadada ao fracasso. O controle de preços, o desrespeito aos limites orçamentários, a manutenção de reduzidas taxas de juros e os constantes aumentos salariais levariam as sociedades latino-americanas ao caos econômico. Assim, irresponsabilidade fiscal, inflação, irracionalidade e demagogia seriam alguns dos componentes do populismo. Um entrave e agressão à lógica racional dos movimentos do mercado e responsável pela gestão dos negócios públicos.

Alguns casos *populistas* identificados por essa abordagem: no Brasil, sob

Vargas, Goulart, Figueiredo (entre 1979 e 1980) e Sarney (especificamente com seu Plano Cruzado); Perón na Argentina; Chile sob Salvador Allende; Alan García no Peru, entre 1985/88; e o governo sandinista na Nicarágua (1979/1990)².

A fim de retirar os países da América Latina da crítica condição em que se encontravam, é sugerida como alternativa ao populismo e, também, face ao que Bresser Pereira (1991) chama de ortodoxia neoliberal, a implementação, dentre outras, das seguintes medidas: ajuste fiscal, redução do Estado e taxas de câmbio realistas.

Independentemente de algumas especificidades encontradas no seio desses estudos, este foco que privilegia a dimensão econômica do populismo é marcado pela idéia de uma integração profunda à economia internacional, considerando-a uma iniciativa favorável ao desenvolvimento das nações latino-americanas e à superação de suas crises da dívida e do Estado.

Notas sobre a grande imprensa e os itens redacionais

A principal razão que nos levou a optar pela análise do discurso do *Jornal do Brasil* é o fato deste jornal integrar os que são classificados como *jornais da grande imprensa*. No caso, acompanhamos a sugestão conceitual proposta por Alves Filho, que escreve a respeito:

Jornais da grande imprensa são os que se estruturam como indústria cultural e freqüentemente são apontados pelas instituições de pesquisa entre os de maior vendagem. Posição de preferência que assumem por terem construído e consagrado, perante o mercado consumidor, a imagem de isenção e independência frente aos poderes formais do Estado e aos informais, como as classes sociais e outros “grupos de pressão”. Jornais (...) que, funcionando como indústria cultural, representam-se e são representados por segmentos substantivos da população – independentemente de serem rotulados “progressistas”, “conservadores”, etc. – como comprometidos com o bem comum, com a informação objetiva e com a interpretação correta dos acontecimentos (Alves Filho, 2000: 106).

Este tipo de jornal, como veículo de comunicação que atua como indústria cultural, visa atingir ao máximo diferentes setores do público, através da oferta de diversas seções e cadernos, como os destinados à mulher/família, aos esportes, cultura/eventos de lazer, etc., mas dando uma ênfase especial às seções de política e economia. Evidentemente seu público-alvo é composto por estratos sociais detentores de um poder aquisitivo alto e de um nível de escolaridade mais elevado que a média nacional. Seu público é formado, pois, por grupos mais influentes junto aos centros de tomada de decisão econômica e política.

Um requisito é indispensável para a manutenção e ampliação de consumidores e anunciantes: a *credibilidade social*. Segundo Alves Filho (2001), o instrumento utilizado por esses jornais para atingir tal meta é o *pluralismo político-ideológico das colunas*. Esse instrumento possibilitaria a criação de uma imagem isenta, independente e democrática.

Contudo, como argumenta Alves Filho, o pluralismo das colunas não impede a ocorrência de um fenômeno concreto: a linha ideológica que se materializa nos textos dos editoriais e do noticiário cotidiano, ordenando tanto as interpretações sobre os fatos noticiados quanto o processo de seleções e combinações existentes na produção jornalística – como imagens, símbolos, estereótipos e palavras que integram seus textos. Com relação a esse processo em particular, marcado pelo uso do que Casasús (1985) denomina como *itens redacionais*, vale destacar a relevância analítica sobre esses elementos que compõem um texto. Diria o autor, por exemplo, que, “no es lo mismo decir ‘activista político’ que ‘terrorista político’” (Casasús, 1985: 85). Então, em conformidade com essa reflexão, consideramos que o estudo dos itens redacionais pode possibilitar a identificação do processo de seleção e combinação de elementos em uma estrutura redacional, revelando, de modo muito sutil, a ideologia que move o seu produtor³.

É nesse sentido, portanto, que pareceu-nos pertinente recorrer ao *populismo* como um recorte de análise, minúsculo, mas bastante sugestivo, para compreender determinados traços político-ideológicos estruturais do discurso do *JB*. Uma chave valiosa para a identificação de determinada forma de pensar e interpretar a realidade, por parte de uma relevante instituição midiática do país.

A noção de populismo no *JB*

O discurso presente na maioria substantiva dos textos do *Jornal do Brasil* que utilizaram o populismo como dispositivo classificatório de determinados fenômenos político-econômicos do cotidiano, em 1994, revela-nos uma apropriação sistemática de fragmentos de algumas idéias presentes no *modelo clássico* de interpretação, assim como de alguns dos princípios *racionalizantes* e *modernizadores* do *paradigma econômico*⁴. Os valores e crenças presentes na ideologia dominante neoliberal, é claro, também contribuíram sobremaneira para a identificação de atores e práticas *populistas*. Dentro disso, é relevante notar que, como qualquer ideologia, o neoliberalismo possui um certo conjunto de idéias, símbolos e jargões que orientam o olhar sobre o real. Aos fenômenos, atores e idéias que não se encaixem nessa estrutura de pensamento, atribui-se avaliações negativas. Dentro disso, o populismo não escapou (como, atualmente, não tem escapado) ao complexo jogo de palavras e símbolos utilizados pela ideologia neoliberal na desqualificação de medidas e atores políticos considerados inadequados.

É, pois, essa composição entre a ideologia neoliberal e os argumentos extraídos de análises de membros do *campo acadêmico* (no dizer de Bourdieu) que conformaram, em grande parte, a representação simbólica do populismo, assim como nortearam a definição de algumas práticas, projetos e atores políticos como *populistas* no discurso do *JB*.

Como dito anteriormente, o que é rotulado como populismo tem sido entendido como sinônimo de *atraso*. Em um cenário econômico marcado pelo aprofundamento das relações internacionais capitalistas, por uma grave crise financeira do Estado e por anos de espiral inflacionária, dizia-se que o *populismo* não tinha mais espaço para responder a esses dilemas e aos imperativos da *modernização econômica*⁵. Denotando estreitas consonâncias interpretativas com a versão do populismo elaborada pelo *paradigma econômico*, afirmava-se que o *estatismo*, o *nacionalismo*, o *protecionismo*, a *autarquização* e os *gastos inseqüentes* estariam ou deveriam ser superados e, com isso, o *populismo* não representava nada mais do que o símbolo de um mundo identificado com o passado. Ou seja, um *obstáculo* que deveria ser varrido das práticas e metas dos diferentes atores do espectro político-partidário. Como ilustração, observe-se as passagens de um editorial reproduzido a seguir.

Publicado na edição de 7/7/1994, o editorial “Riscos reais” destacava o papel exercido pelo presidente Itamar Franco no processo de estabilização da economia. O populismo, ou o *velho e ineficiente* desrespeito à lógica do mercado, por seu turno, não deixava também de ser representado como uma ameaça à estabilidade econômica.

Apesar do coro dos descontentes, cujo estoque de argumentos eleitorais vem baixando com a inflação, o *real está fadado ao sucesso (...)*. Em linhas gerais, boa parte do sucesso deve ser creditado a Itamar (...). Quando todos o acusavam, ora de inércia ora de atitudes emocionais em relação à condução da economia, o presidente da República demonstrava agudo senso político (...). Mesmo incomodado com a inflação, os abusos de preços e as altas taxas de juros, o presidente resistiu às tentações populistas. Optou pela paciente construção do programa de estabilização que os economistas das mais diversas tendências hoje reconhecem como o melhor já feito no país (...). Há instrumentos administrativos que podem e devem ser acionados com rigor contra os que promoveram remarcações em excesso e abusos (...). Eles são mais eficazes, pela dissuasão do efeito demonstração, do que qualquer medida genérica inspirada em experiências passadas e que provaram ser impotentes para debelar a inflação. O controle de preços nunca funcionou no Brasil (...). É possível que os juros reais estejam muito altos, mas a prudência recomenda até o exagero inicial, para quebrar todas as apostas contra o real – no mercado financeiro e no setor real – antes do arrefecimento (...) das taxas de juros (...). A estabilização depende do sacrifício de toda a sociedade e, sobretudo, da firmeza dos governos no combate à inflação (...) (Jornal do Brasil, 7/7/1994: 10) (GN).

Outra poderosa idéia associada ao *populismo* é a concernente a tratar-se de uma prática política *irracional*. Denota-se, dessa forma, uma apropriação residual de uma característica sobre o populismo tipificada tanto pelo *modelo clássico* quanto pelo *paradigma econômico*. A título de ilustração transcrevemos trechos de um editorial.

Em nove de julho, discorrendo sobre o diálogo estabelecido entre membros de uma equipe de técnicos de um departamento da prefeitura do Rio de Janeiro com a associação de moradores do bairro de Ipanema, o

editorial “Vozes do Povo”, questionava a ação de representantes públicos que se submetiam aos interesses das associações de moradores. De acordo com o jornal, muitas obras e ações públicas deixavam de ser realizadas por essa sujeição à voz da sociedade. O *JB* informava também, indiretamente, sua concepção de democracia.

Depois de discutir com os moradores, a prefeitura decidiu reconstruir a Praça General Osório, em Ipanema, segundo o projeto original. Os moradores consideraram o projeto (...) muito complicado, descaracterizador. Todo diálogo com a população é bom, e é nisto talvez que se fundamenta o exercício da política. Mas o que é realmente importante neste episódio é que a prefeitura, além do diálogo, ou apesar do diálogo, vai tocar a obra em frente. Esta, sim, é a verdadeira Política, com P maiúsculo. *Muitas administrações fracassam porque exageram em sua função popular, ou populista. Obras importantes são abandonadas a meio caminho, ou antes mesmo de encetar o caminho, por excesso de escrúpulo, em busca de uma vox populi que tente conciliar os interesses da comunidade com os interesses da política menor que vê em tudo oportunidade de colher votos, acima das necessidades técnicas (...). Administradores são eleitos para tomar decisões que resultem em benefício da comunidade. A eleição dos políticos já é uma opção do eleitorado, de acordo com os programas apresentados por eles por ocasião das campanhas eleitorais. No poder, os políticos não necessitam retornar ao povo plebiscitariamente sempre que se acham na iminência de tomar decisões administrativas (...)* (*Jornal do Brasil*, 9/7/1994: 10) (GN).

Importa, assim, observar dois aspectos relevantes neste último texto, que é significativamente representativo da linha ideológica que percorria o discurso do *JB*, em 1994:

Primeiro. A noção que o jornal tem sobre a atividade política é informada por uma evidente prevalência da *competência técnica* sobre o *político*; este considerado, como se depreende da argumentação do editorial, um exercício espúrio e distante dos reais interesses da sociedade civil. Considerava que, caso ocorresse a prevalência do *político*, as autoridades públicas incorreriam na demagogia e na *irracionalidade populista*.

Segundo. Como desdobramento, compreendia a democracia sob um formato nitidamente conservador. O estímulo à participação das associações civis, na definição e implementação de políticas públicas, era tido como uma prática desnecessária e, claro, *populista*, já que os cidadãos participam, segundo o jornal, do procedimento de escolha e decisão democrática através do voto.

O *atraso* e a *irracionalidade* foram, pois, dois componentes simbólicos constantemente associados ao populismo, no discurso do *JB*. Falta ver o emprego desse dispositivo lingüístico/ideológico para um ator político em particular.

A representação do populismo brizolista⁶

É na presente seção que o caráter desqualificatório dado ao termo apresentará sua face mais nítida. Propomo-nos a apresentar o uso da noção de populismo, efetuado pelo *JB*, referente a um personagem político específico: Leonel Brizola.

Para se ter uma idéia de como o, então, governador do Estado do Rio de Janeiro⁷ e candidato à Presidência da República constituía-se numa fonte de crítica e preocupação por parte do jornal, vale informar um dado bastante expressivo encontrado nos textos do *JB*, a saber: o conjunto dos editoriais que fazia menção ao *populismo* na interpretação de eventos políticos, direta ou indiretamente, referia-se às ações de Brizola e seu partido (Partido Democrático Trabalhista - PDT)⁸. De um total de 23 (vinte e três) editoriais, cerca de 19 (dezenove) remetiam o leitor às figuras de Brizola e do PDT. A ampla maioria desses textos fora publicada no segundo semestre do ano. Tal fenômeno, talvez, possa levar a sugerir que a proximidade das eleições, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, e o resultado advindo desta, a consagração da vitória de Marcello Alencar (Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB) no segundo turno, tenham constituído-se em fatores importantes para as freqüentes críticas desferidas pelo jornal. Combinadas a esses fatores, o jornal apresentava suas expectativas, positivas, com o novo governo que viria a suceder a gestão Brizola/Nilo Batista⁹. Especialmente os editoriais, por outro lado, denotavam um fenômeno de grande relevo à época (mas, com alguma força simbólica ainda nos dias presentes) no tratamento dispensado a Brizola e seu partido: a associação do brizolismo com a criminalidade e com a promoção do caos urbano.

A partir da leitura que empreendemos sobre o conjunto de textos publicados pelo *JB*, ao referir-se a um suposto *populismo brizolista*, tendemos a afirmar que, na maioria dos casos, essa classificação fora construída com base em um e outro chavão do marco teórico *clássico*, como demagogia, irracionalidade e nacionalismo. Contudo, o explícito teor conservador apresentado sugere-nos uma apropriação bastante residual desses atributos. Destacam-se os aspectos mais exteriores indicados pelos estudos dos decênios de 1950 e 1960. Evidentemente, havendo uma apropriação das interpretações desses estudos, pode-se argumentar que os textos não se coadunavam com o referencial político e teórico (marxista) que norteava os consagrados trabalhos de Ianni e Weffort. Extraíam-se, portanto, algumas idéias com fins notadamente políticos, onde a desqualificação do interlocutor era o mote da designação de populista. Assim, observando a existência de uma preponderância no uso de fragmentos das teses *clássicas* na representação específica do *populismo brizolista*, parece-nos lícito argumentar que o uso da noção de populismo pelo *JB* revela, pois, em elevado grau, uma apropriação viciosa e distante do centro de argumentação do *modelo clássico*.

Tendo em vista a operacionalização das estruturas redacionais do *JB* aos fins do presente trabalho, distribuímos as passagens de alguns textos jornalísticos conforme os seguintes tipos de tratamento concedido ao *populismo brizolista*: 1. promoção do caos urbano e convivência com a criminalidade; 2. articulação demagógica com as camadas populares e 3. modelo de desenvolvimento econômico atrasado, historicamente superado.

Promoção do caos urbano e convivência com a criminalidade

Constituindo-se num tipo majoritário na classificação de Brizola como populista, associava-se as suas idéias e medidas políticas no âmbito do governo estadual ao incremento da desordem urbana e à tolerância com a ação de criminosos.

Três dias após a eleição do novo governador, Marcello Alencar (no 2º turno da eleição estadual, realizado em 15/11/1994), o *JB* publica o editorial intitulado “A grande mudança”. O título, por si só, já é sugestivo o bastante para identificar-se a preferência política do jornal na concluída eleição estadual. Em contraposição à esperança de mudanças sinalizadas para a

próxima gestão, o editorial apontava de modo contundente as circunstâncias geradoras das, então, consideradas mazelas do Estado.

(...) A política do Rio ficou destroçada por anos de dilapidação moral. A aliança dos políticos com o crime organizado, azeitada pelo assistencialismo populista, percorreu todos os caminhos do atraso (...). A polícia corrupta é o resultado de longa leniência com o crime organizado. De tanto ceder aos contraventores, a sociedade fluminense acordou um belo dia anestesiada por brutal corrupção que passou incólume pelos morros, escolas de samba, clubes de futebol e chegou ao palácio governamental de braço com o populismo demagógico (...) (*Jornal do Brasil*, 18/11/1994: 10) (GN).

Poucos dias antes, o editorial “Batalha final” apresentava a expectativa positiva do jornal com relação à intervenção militar federal na segurança pública do Estado. Vale observar que, só no mês de novembro, cinco editoriais que empregaram a noção de populismo para Brizola e seu partido trataram dessa questão. Concomitantemente, o *JB* criticava o que considerava leniência governamental com a ilegalidade.

(...) A insegurança no Rio é o resultado da incompetência da polícia e do populismo governamental que criou barreiras psicológicas no combate ao crime. A relação promíscua de traficantes, bicheiros, policiais e políticos esboçou o cenário de decadência que se estendeu aos outros setores. A ação conjunta tardou, mas veio. Com “dosagem correta” (...), mas energia, trata-se agora de fazer girar ao contrário a roda do infortúnio que atrasou por vários decênios o destino do Rio (*Jornal do Brasil*, 3/11/1994: 10) (GN).

“Mudança de guarda” é o título do editorial publicado na edição de 20 de dezembro. Portanto, já nos estertores do governo pedetista. Discutia-se, entre outros, os benefícios engendrados pela intervenção federal na segurança pública. Interessante notar a argumentação dicotômica estabelecida no texto: de um lado, a passividade do governo que saía no tocante ao banditismo. De outro, a firmeza no combate ao crime e a tranquilidade social proporcionada pela ação federal.

(...) Na cabeça da polícia do Rio jamais entrou um mínimo de bom senso, capaz de assimilar a verdade elementar de que a criminalidade se expande quando a polícia encolhe. *O policial, nos bons tempos da política populista que se limitava a passar a mão na cabeça de traficantes e dos bicheiros (...), sempre argumentou que não tinha recursos para subir os morros. As favelas se tornaram santuários da bandidagem, porque a polícia lavava as mãos. O exército demonstrou que o mito da inexpugnabilidade dos morros é falso. Basta subir (...). Hoje o Rio está mais tranqüilo, com a redução drástica dos tiroteios. Já não há mais balas perdidas ceifando vidas nos bairros adjacentes às favelas. É por isto que a população saúda a permanência dos militares nas áreas conflagradas e espera que a polícia descruze os braços e comece finalmente a trabalhar em benefício da segurança*¹⁰ (Jornal do Brasil, 20/12/1994: 10) (GN).

Publicado numa edição da segunda quinzena de novembro, o artigo “Rua e cidadania”, a despeito do tom mais brando, guarda estreitos laços de afinidade com o perfil da representação do *populismo brizolista* construída nos editoriais. Produzido por Gilberto Velho, o texto afirma que,

(...) *a presença de camelôs, pedintes e menores desassistidos, (...), nos espaços públicos aumentou consideravelmente nos últimos anos, também devido a uma concepção específica no que concerne às camadas mais pobres da cidade. O governo brizolista, dentro da lógica populista, deu a essas categorias acesso quase irrestrito às ruas, sustentado por uma visão de cidadania e direitos humanos. São situações distintas que merecem análises específicas, mas que tomadas em conjunto produzem um quadro urbano particularmente tumultuado. Existem ligações claras entre ambulantes, pedintes e meninos de rua com o mundo do crime em diversos níveis (...) seja como carrascos, seja como vítimas, ou às vezes nos dois papéis, estão envolvidos em atividades ilegais (...) é fundamental incluir no projeto de controle à violência no Rio a reorganização do espaço público, convulsionado por políticas populistas. A heterogeneidade de experiências e estilos de vida não deve ser usada para legitimar o caos e a insegurança das ruas*¹¹ (...) (Jornal do Brasil, editoria Opinião, 17/11/1994: 11) (GN).

Articulação demagógica com as camadas populares

Este gênero de classificação do *populismo* e dos *populistas* configurou uma das idéias mais difundidas na construção simbólica da noção efetuada pelo *JB* – e, supomos, pelos demais jornais da grande imprensa. Isto não só no tocante à figura pessoal de Brizola, como de toda e qualquer liderança que expresse, minimamente que seja, as aspirações materiais e simbólicas das camadas populares¹². Revela, inequivocamente, o caráter conservador da linha ideológica que percorre tanto os editoriais quanto o noticiário cotidiano. É o que poderá ser constatado nas duas reproduções apresentadas a seguir.

Publicado em 5 de fevereiro de 1994, o editorial “A ameaça das favelas”, discorria sobre a conivência dos *políticos populistas* com a favelização da cidade do Rio de Janeiro. As duas gestões de Brizola no governo do Estado do Rio de Janeiro, a despeito de não serem mencionadas explicitamente, atravessam inegavelmente o referencial sobre um certo tipo de prática política que o jornal considerava imperar na cidade e no Estado: o *populismo*. Note-se, também, duas coisas: em primeiro lugar, a feição de tribuna política encarnada pelo editorial, convocando, ou *interpelando*, no dizer de Althusser (1998), o seu leitorado à *dar um basta* nesta situação no pleito eleitoral. Por último, observe-se o tipo de imagem construída pelo jornal para os setores populares residentes nas favelas.

A situação das favelas no Rio atingiu um ponto explosivo, extremamente ameaçador. Só a demagogia assistencialista e o oportunismo populista ainda não enxergaram a triste realidade que é a progressão resistível da marginalidade numa cidade que em poucos anos ficou estrangulada entre a lei, não cumprida, de um lado, e a ilegalidade, florescente, do outro (...). Os favelados são hoje um terço da população. Em breve, serão a metade, e a médio prazo, maioria, se o fluxo de favelização não for detido, a sério (...). Dos 180 morros do Rio, 68 estão ocupados pelas favelas. É impressionante como elas se reproduzem, apesar de muitas já terem chegado ao ponto de saturação (...). Os cidadãos que moram na cidade que está no mapa já não suportam submeter-se à outra população, armada, em contínua expansão, acasalada sob o guarda-chuva protecionista dos traficantes, dos bicheiros e dos políticos populistas (Jornal do Brasil, 5/2/1994: 10) (GN).

Meses mais tarde, o *JB* publicava matéria que discorria sobre alguns traços característicos da forma de atuação política do então candidato pedetista à sucessão estadual, Anthony Garotinho. A matéria intitulada “Garotinho inaugura um novo trabalhismo”, é relevante para a identificação tanto do que o jornal classifica como características do brizolismo quanto, mais uma vez, como são representadas as camadas populares no discurso deste jornal.

(...) Símbolo - “Populismo científico”, expressão do vereador campista Antônio Carlos Rangel (PT), talvez seja a definição mais aproximada do estilo com que Garotinho, usando e abusando do marketing e dos meios de comunicação de Campos, virou símbolo do bem que luta contra o mal e derrotou os velhos coronéis da política (...). “Hoje questionamos se valeu trocar o coronelismo empírico pelo populismo científico”, diz Rangel, do movimento Muda Campos, que elegeu Garotinho aos 28 anos (...).

Receitas - No meio de um dia de campanha na Baixada, Garotinho define a linha divisória que vê na política. “De um lado, o Garotinho e seu compromisso com o povão. Do outro, o resto, financiado pelos banqueiros e grandes grupos. O pau vai comer no lombo deles”, discursa, sobre um banquinho e no mais puro estilo brizolista (...). Assim como Brizola e seus Cieps, Garotinho privilegiou os setores populares na administração de Campos (...). Estimulou hortas populares, construiu 40 escolas e 30 postos de saúde (...), saindo com mais de 90% de aprovação popular (...) como Brizola, Garotinho direciona o discurso ao “povão” (...) (*Jornal do Brasil*, editoria Cidade, 11/9/1994: 8) (GN).

Vale salientar um interessante dado que se pode extrair da leitura dessa matéria: ela apresenta alguns componentes conflitivos no interior de sua argumentação. Este conflito é relativamente natural, tendo em vista os primados de *isenção* e *neutralidade* que norteiam a atividade jornalística. Nas linhas introdutórias, o autor da matéria afirmava coadunar-se com a visão crítica do vereador que cunhara a expressão “populismo científico”. Evidentemente, a interpretação da matéria sobre o então candidato estava clara desde o início. Contudo, no curso do texto, o jornalista vai traçando

paralelos entre o perfil de Garotinho e Brizola, destacando o discurso e ações governamentais voltadas para os setores populares. Esse segundo elemento discursivo contido na matéria, em si mesmo, não apresenta, é claro, nenhuma natureza desqualificatória. Pelo contrário. Então, pode-se afirmar, num primeiro momento, que, a esse conflito argumentativo e sua respectiva interpretação, caberia uma boa margem de autonomia à leitura empreendida pelo receptor da matéria. Entretanto, caberia também indagar: a recepção já não poderia estar viciada, ao menos no que tange a segmentos dos assinantes do jornal, devido a leitura de textos como os explicitamente desqualificatórios encontrados nos editoriais? Se consideramos que, como argumenta José Pinto, os editoriais desnudam o que se encontra oculto no noticiário (José Pinto, 1996: 173), a produção da imagem dos atores aqui postos em relevo, não conduziria expressivos contingentes dos leitores a uma recepção negativa? Qual seria a percepção sobre os *políticos brizolistas/populistas* que privilegiam seus esforços aos setores populares? E mais: como seriam representados os próprios setores populares?

Observando o tipo de construção simbólica realizada no editorial e nesta matéria, é evidente que a imagem dos setores populares é extremamente negativa. Esquemáticamente, pode-se dizer que gira em torno da idéia de uma massa inconsciente e bruta, quando não de *marginais favelados*, sempre disponível à adesão a algum líder carismático, demagógico e irresponsável que lhes ofereça um favor ou dádiva¹³. Uma massa ignara, que ameaça a tranqüilidade e liberdade dos *cidadãos de bem*, que pagam seus impostos. De forma contraditória, o *povo*¹⁴, com efeito, constituir-se-ia numa ameaça à ordem democrática, que, pelo visto, é considerada um valor supremo, só que com uma particularidade: um valor destituído de seu elemento mais básico, o *demos*.

Quanto aos *políticos brizolistas/populistas* que dirigiam seus esforços ao atendimento de algumas necessidades populares, pelo que se pode depreender do discurso do *JB*, eram considerados atrasados, irracionais, inferiores, mesmo, ao “coronelismo empírico” (*Jornal do Brasil*, editoria Cidade, 11/9/1994: 8).

Modelo de desenvolvimento econômico atrasado, historicamente superado

Após a análise dos textos que primam pela construção de uma imagem vinculada à demagogia, ao assistencialismo, à desordem, ao caos urbano e à tolerância com o crime, vejamos o *populismo brizolista* sob um outro prisma: um modelo de desenvolvimento econômico historicamente superado.

Abordando a eleição à presidência, o editorial “O tom do futuro”, publicado no mês de agosto, informava ao leitor as novidades políticas esboçadas naquele pleito. Entre as principais, figuravam as presenças de Lula (PT – Partido dos Trabalhadores) e Fernando H. Cardoso (PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira) como os dois grandes pólos da disputa. O jornal os considerava como dois exemplos políticos modernos, a despeito de suas diferenças ideológicas e partidárias. De acordo com o texto, por outro lado, esgotara-se o espaço para determinados tipos de lideranças e propostas. Lideranças carismáticas e *outsiders*, como Jânio e Collor, perdiam expressão. O estilo político de líderes como Adhemar de Barros também estaria perdendo espaço no corpo do eleitorado: “a honradez e a austeridade passaram a ser requisitos da modernização política. É preciso fazer, sem roubar” (*Jornal do Brasil*, 16/8/1994: 10). Imerso em uma série de denúncias de corrupção, talvez não seja difícil imaginar que esse perfil político era atribuído a Orestes Quécia (candidato à presidência pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB). Quanto a Brizola, argumentava-se o seguinte:

*(...) O populismo e o corporativismo de base varguista ficaram para trás. Tanto o processo de substituição de importações como a modernização autoritária dos caudilhos gaúchos cumpriram suas missões históricas. O mundo globalizado deste final de século não comporta nacionalismos sombrios, teorias conspiratórias ou sonhos autárquicos. A socióloga Celina Vargas do Amaral Peixoto, neta de Getúlio, diz com todas as letras em entrevista ao JORNAL DO BRASIL: é necessário desmontar o Estado Novo (...). O Brasil e o mundo se transformaram consideravelmente desde a eleição passada. O eleitor brasileiro está se mostrando sensível a essa mudança para melhor (*Jornal do Brasil*, 16/8/1994: 10) (GN).*

Note-se o uso das declarações da socióloga Celina Vargas neste texto, que, ao fim e ao cabo, vem a consistir numa espécie de narração copresente, ou seja, serve ao propósito de legitimação acadêmico-científica (uma espécie de respaldo técnico e racional frente ao leitor) para as argumentações conclusivas do editorial. Vê-se, por outro lado, com todas as letras, a representação do populismo – e de Brizola, em particular – como uma expressão política e econômica arcaica, superada pelo *motor da modernidade globalizante*. Vê-se, também, a utilização de um poderoso símbolo que viria a se consolidar, no curso dos anos posteriores, no discurso jornalístico hegemônico: *globalização*. Processo considerado inexorável, inescapável, *trem do desenvolvimento e da modernidade*.

Conclusão

Considerando que a representação simbólica do populismo não podia ser obra única e exclusiva de uma simples invenção de significados da parte do *Jornal do Brasil*, recorreremos, inicialmente, à análise de textos produzidos nos círculos acadêmicos, visando identificar os possíveis conteúdos e resíduos argumentativos apropriados, fundamentalmente, pelos editoriais e pelo noticiário cotidiano. Encontramos, pois, uma apropriação, em geral, marcada por um uso nitidamente político, disponibilizado à desqualificação de uma, à época, relevante expressão política identificada com o campo popular-democrático nacional, detentora de um sólido enraizamento no imaginário político da população do Estado do Rio de Janeiro: o brizolismo. Levando em conta seu nacionalismo, sua oposição às privatizações e seu apelo popular, pode-se dizer que o brizolismo representava um fenômeno muito distante das práticas, idéias e metas político-econômicas defendidas pelo *JB*. Parece-nos lícito argumentar, então, que a identificação da figura de Brizola – e de seu partido, PDT – com o *atraso e a irracionalidade populista*, serviriam à depreciação da imagem desses atores tanto na eleição à presidência quanto à estadual; constituindo-se, por outro lado, num poderoso artifício para desqualificar o que estruturalmente importava: as aspirações materiais e simbólicas das camadas populares.

Se tratarmos o estudo realizado por esse artigo, também, como um recorte de análise da posição do jornal na campanha pela sucessão estadual de 1994, podemos afirmar que ele apresentava uma postura favorável à candidatura de Marcello Alencar. Esta seria considerada, em última ins-

tância, se não representativa da *modernização*, ao menos de uma opção viável ao que o jornal considerava o atraso gerado pelo *populismo brizolista* no Estado do Rio de Janeiro.

O discurso do *JB* evidenciava, assim, uma representação da noção de populismo pautada, essencialmente, pelas seguintes idéias: atraso, estatismo, instabilidade, desordem, demagogia, irresponsabilidade e irrealismo. Um contraponto e entrave à modernidade, ao livre mercado, à estabilidade, à ordem, ao combate à inflação, à responsabilidade e ao pragmatismo, requeridos, segundo o jornal, pela sociedade brasileira e fluminense, em particular.

O populismo representou, pois, no discurso do *Jornal do Brasil*, um instrumento ideológico importante para a crítica e a depreciação da imagem de um ator político que, em 1994, configurava-se como alternativa aos cânones neoliberal-conservadores.

Notas

1. O presente artigo constitui-se numa versão de minha dissertação de mestrado intitulada *O populismo como arcaísmo e estatismo, na Folha de S.Paulo e no Jornal do Brasil*, defendida no PPGCP/UFRJ.

2. São ressaltadas algumas particularidades da experiência sandinista, tais como: 1. quando da tomada do poder do Estado, a economia era significativamente fundada no setor rural; 2. a industrialização por substituição de importações não constou na proposta programática; 3. os esforços governamentais foram bastante dirigidos à expansão de redes de abastecimento de água, de postos de saúde e escolas. O que leva à sua inclusão na categoria (expondo motivos que, em verdade, nos deixa perplexos) é o fato desse governo ter desconsiderado os limites orçamentários, destinando vultosos recursos à guerra civil frente os *contras*, assim como devido a instabilidade causada pela incerteza acerca dos direitos de propriedade. Como resultados, a ocorrência de graves prejuízos econômicos e a explosão inflacionária. Ver CARDOSO, Eliana e HELWEGE, Ann. "Populismo, ganância e redistribuição": 201-232.

3. Por ideologia basta dizermos que seguimos a definição dada por Althusser, ou seja, entende-se como um complexo de representações, valores e crenças que se materializam em ações objetivas, a partir daquilo que o autor chama de "interpelação", ou apelo, ao indivíduo, chamando-o a posicionar-se em conformidade com os rituais e normas que compõem uma dada ideologia. Ver ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*.

4. Com relação ao *modelo clássico*, especificamente, é mais adequado afirmar que houve uma apropriação fragmentada de algumas de suas teses, pois, esta apropriação distancia-se, em muito, do centro de argumentação dos estudos de Ianni e Weffort, que concebiam o socialismo como meta de organização social. Em linguagem marxista, seus estudos interpretariam o populismo como uma espécie de *reformismo*, enquanto a apropriação jornalística do *JB* é caracterizada por um tipo de interpretação crítica sobre o *populismo* marcadamente conservadora. Por outro lado, talvez não seja desnecessário destacar, também, alguns fatores que concorrem para a representação geral da noção de populismo no discurso jornalístico, tais como: 1. artigos publicados nas

seções de opinião dos próprios jornais. Por serem preenchidos, com grande frequência, por textos produzidos por acadêmicos, tendemos a considerar que esse espaço configura uma ponte entre as produções e interpretações científicas e jornalísticas. Ou seja, independentemente da polêmica estabelecida entre diferentes visões de mundo que marca seções desse tipo, algumas visões, em particular, são apropriadas e ganham ressonância nos discursos apresentados pelos editoriais e pelo noticiário cotidiano; 2. conhecimento particular por parte dos membros do meio jornalístico das definições oferecidas por publicações científicas e 3. a construção coletiva dos *ismos* – malufismo, quercismo, brizolismo, entre outros –, que informam algumas idéias e práticas, difusas e fragmentadas que sejam, geralmente associadas ao populismo.

5. No discurso hegemônico do período (1994), de corte neoliberal, ainda prevalecente, construiu-se a idéia de *modernização* por intermédio da adoção de um conjunto de ações políticas que introduzissem a economia e o Estado brasileiro ao que se considerava requisitos da competição internacional. Abertura comercial, desregulação financeira, ajuste fiscal, privatizações e controle inflacionário seriam alguns desses requisitos. Em jornais como o *Jornal do Brasil* e a *Folha de S. Paulo*, no ano assinalado, era freqüente a veiculação deste tipo de discurso. Concomitantemente, nas eleições à presidência e aos governos estaduais do RJ e SP, os dois jornais ofereciam seu apoio às candidaturas que mais se afinassem com esse figurino *modernizante*, como Fernando H. Cardoso à presidência e, no caso particular do *JB*, Marcello Alencar para a sucessão fluminense. Recorde-se, nesse sentido, que Cardoso e Alencar pertenciam ao mesmo partido (PSDB) e implementaram, na presidência e no governo estadual, medidas consideradas modernizantes, como a transferência de centros de decisões nacional e estadual para o setor privado, notadamente estrangeiro, via privatizações.

6. Empregamos os termos brizolista e brizolismo segundo o sentido corrente indicado por nossa cultura política, principalmente carioca. Ou seja, como um fenômeno marcado por um certo conjunto de ações, propostas, idéias e tradições políticas, encarnadas na figura de Brizola e, em alguma medida, em seu partido. Para uma discussão aprofundada dos conteúdos objetivos e subjetivos que marcam esse fenômeno político, ver SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*.

7. Leonel Brizola desincompatibilizou-se do cargo em 02/04/1994 para concorrer à Presidência da República, sendo substituído por seu vice, Nilo Batista.

8. Essa sistemática preocupação dos editoriais implica num significado empírico relevante: o editorial, como marco normativo particular de um jornal, constitui-se num espaço de veiculação explícita de suas idéias, revelando a posição política do jornal enquanto empresa. Este espaço jornalístico, como discutido por José Pinto (1996), é voltado para a busca de adesões entre segmentos específicos dos leitores, como políticos, líderes corporativos, etc. Ademais, "torna explícito o que permanece na sombra no noticiário" (José Pinto, 1996: 173).

9. O apoio oferecido pelo *JB* à candidatura Marcello Alencar (e um "*pouco*" mais que isso) pode ser ilustrado através da transcrição de um trecho do editorial que segue: "A melhor novidade deste segundo turno da disputa pelos governos estaduais é a provável vitória de Marcello Alencar, Eduardo Azeredo e Mário Covas, respectivamente no Rio, em Minas e São Paulo. Com este trio teremos a renovação do *establishment* político nas regiões politicamente mais importantes do país e a consolidação do PSDB – partido do presidente eleito – nos três maiores colégios eleitorais" (...). Ver *Jornal do Brasil. Os homens da abóboda*. Editorial, 09/11/1994: 10.

10. Cumpre destacar que essa imagem *paradisiaca* construída pelo editorial, com base na ação do Exército, talvez não correspondesse, como informa Sento-Sé, "ao comportamento dos indicadores, que chegaram a indicar um aumento expressivo, durante o período da realização da Operação Rio, pelo Exército, do número de homicídios dolosos" (Luiz Eduardo Soares *apud* Sento-Sé, 1999: 292).

11. Há que se ressaltar que um artigo – caso raro entre os textos de diferentes espaços desse jornal – criticava a ênfase dada, entre outros, pela mídia, à atuação do crime organizado no Rio de Janeiro e à crucificação da gestão Brizola, em particular. Discorrendo sobre o problema do crime organizado, o articulista advertia que este fenômeno fazia-se presente em diversos estados da federação, assim como envolvia diferentes instâncias do Estado brasileiro. Portanto, diz o autor, "é inaceitável pretender satanizar a situação carioca ou lapidar simplesmente a administração atual". Ver PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Conluio e convivência*. Jornal do Brasil, editoria Opinião, 12/04/1994: 11.

12. Nossa análise do discurso do *JB* – que deve ser considerada um recorte analítico particular da grande imprensa brasileira –, contempla exclusivamente o ano de 1994. Mas não é desnecessário lembrar que o símbolo populismo é ainda demasiado candente, bastando um momento propício para ser retirado da *gaveta* e disponibilizado à desqualificação de atores políticos considerados impróprios. Nesse sentido, o dia 12 de abril de 2002 foi exemplar. Refiro-me à tentativa de golpe na Venezuela, sobre o presidente Hugo Chávez. A *Folha de S. Paulo* assim o caracterizou: "falante, sonhador, populista, nacionalista" (...) (Folha Online: *Saiba mais sobre o ex-presidente da Venezuela Hugo Chávez*, 12/04/2002).

Há de se convir que a combinação de adjetivos não é das mais favoráveis ao então deposto presidente. No mínimo, seu *populismo* é representado como uma manifestação de irracionalidade e irrealismo ("falante" e "sonhador"). A seqüência da matéria não dá margem à dúvida: entre outras razões mencionadas, "a insatisfação contra Chávez cresceu devido (...) à agenda de esquerda" (Folha Online: *idem*). O posicionamento político-ideológico do jornal é evidente, como também a mensagem: metas e atores *populistas/esquerdistas* são uma péssima opção política, causam *insatisfação popular* e o *caos*.

13. Um *eco* muito distante e, claramente, manipulado do marco teórico *clássico* ressoa nesse tipo de representação simbólica sobre as camadas populares. Ver, principalmente, Germani (1973).

14. Seguindo a interpretação dada por Sodré, pode-se definir o *povo*, sinteticamente, como um conjunto de segmentos sociais (como os trabalhadores rurais e urbanos – empregados, subempregados e desempregados – e os estratos médios) historicamente destituídos de poder e que encontram-se, conseqüentemente, numa posição subalterna dentro da comunidade nacional. Ver SODRÉ, Néelson Werneck. *O populismo: a confusão conceitual*.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998.
- ALVES FILHO, Aluizio. “O noticiário da mídia e a ‘velhinha da motocicleta’”. Rio de Janeiro: PUC, *Alceu* 3, n. 2; jul/dez. 2001, pp. 54-77.
- _____. “A ideologia como ferramenta de trabalho e o discurso da mídia”. *Comum* 15, n. 5. Rio de Janeiro: Faculdades Integradas Hélio Alonso, ago/dez., 2000, pp. 86-118.
- BRESSER PEREIRA, L. C. *Populismo econômico: ortodoxia, desenvolvimentismo e populismo na América Latina*. São Paulo: Ed. Nobel, 1991.
- CARDOSO, Eliana e HELWEGE, Ann. “Populismo, ganância e redistribuição”. In: BRESSER PEREIRA, L. C. *Populismo econômico: ortodoxia, desenvolvimentismo e populismo na América Latina*. São Paulo: Ed. Nobel, 1991, pp. 201-232.
- CASASÚS, Josep Maria. *Ideologia y análisis de medios de comunicación*. 3ª ed. Barcelona: Editorial Mitre, 1985.
- DI TELLA, Torcuato. «Os processos políticos e sociais da industrialização». In: COSTA PINTO, L. A., e BAZZANELLA, W. *Processos e implicações do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, pp. 73-105.
- DORNBUSCH, Rudiger e EDWARDS, Sebastian. “O populismo macroeconômico na América Latina”. In: BRESSER PEREIRA, L. C. *Populismo econômico: ortodoxia, desenvolvimentismo e populismo na América Latina*. São Paulo: Ed. Nobel, 1991, pp. 151-190.
- FOLHA DE S. PAULO. *Saiba mais sobre o ex-presidente da Venezuela Hugo Chávez*. Disponível na INTERNET via <http://www.uol.com.br/folha/mundo/ult94u39887.shl>, 12/04/2002.
- GERMANI, Gino. *Política e sociedade numa época de transição*. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1973.
- IANNI, Octavio. *A formação do estado populista na América Latina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *O colapso do populismo no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira: 1975.
- JORNAL DO BRASIL. Edições de 1994.
- JOSÉ PINTO, Milton. “Contextualizações”. In: NETO, Antônio Fausto, e JOSÉ PINTO, Milton. *O indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda., 1996.

SENTO-SÉ, João Trajano. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.
SODRÉ, Néelson Werneck. *O populismo: a confusão conceitual, s/d e s/ed*.
WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989.

Resumo

O propósito do artigo é identificar algumas nuances do deslocamento realizado no uso da noção de populismo, dos meios acadêmicos para o discurso jornalístico, com ênfase na análise da construção simbólica do "populismo brizolista" operada pelo *Jornal do Brasil*.

Palavras-chave

Populismo, Jornal do Brasil, ideologia.

Abstract

The purpose of this article is to undertake a study of concrete case concerning the displacement carried through in the use of the concept of populism, from the academic arena to the journalistic one, with emphasis in the analysis of the symbolic construction of the "brizolista populism" carried by the *Jornal do Brasil*.

Key-words

Populism, Jornal do Brasil, ideology.